

NEWSLETTER



Volume 6
Fevereiro/Março 2023



ESPECIAL MÊS DA MULHER: MULHERES NA ABRAPCORP

(p. 01)

EDIÇÃO FEMINISMOS - ORGANICOM

(p. 03)

NOVIDADES
EDITORIAIS

(p. 11)

XVII CONGRESSO ABRAPCORP

(p. 05)

CHAMADAS
ABERTAS

(p. 12)

PAPO CIÊNCIA - ENTREVISTA
COM ÂNGELA MARQUES

(p. 06)

ESPECIAL MÊS DA MULHER: MULHERES NA ABRAPCORP



Construindo a comunicação com mulheres na liderança

No Dia Internacional da Mulher, a Abrapcorp rememora todas as mulheres que já presidiram a Associação

Em celebração ao Dia Internacional da Mulher (08), decidimos olhar para dentro da associação e relembrar todas as presidentas de nossa trajetória. E quando dizemos presidentas, acreditamos no ato político desta palavra. Afinal ela não existia até então termos uma presidenta da república mulher. E como ter um substantivo sem utilizá-lo? Se dependesse de nós estaríamos usando desde 2006, quando a Prof.^a Dr.^a Margarida Maria Krohling Kunsch assumiu a presidência da primeira gestão, além de ter sido uma das fundadoras da Associação.

Desde então, das nossas nove gestões, sete delas foram presididas por mulheres, sendo três delas pela Prof.^a Dr.^a Margarida Kunsch



A Abrapcorp foi fundada com o objetivo de estimular a realização e divulgação das pesquisas na área da comunicação, como dizem os professores Margarida Kunsch, Fábila Lima e Adriano Sampaio no livro de 15 anos da Associação. Além disso, as/os autores acreditam no papel estratégico da Abrapcorp nas questões sociais, contribuindo para que o campo acadêmico não se isole das demandas da sociedade e das práticas da comunicação.

Especial mês da mulher

É alinhada aos valores de transformação social que em sua história, por diversas vezes, a Abrapcorp escolheu mulheres referência para tomar a frente da diretoria, sempre olhando para sua atuação profissional e suas linhas de pesquisa em que melhor contribuiriam para uma gestão diversa e que aproximasse a associação das demandas da sociedade.

No dia internacional das mulheres celebramos as mulheres presidentas da história da Abrapcorp. Como já apresentada, uma das fundadoras da associação a Prof.^a Dr.^a Margarida Kunsch, que foi presidenta nas gestões de 2006-2008; 2008-2010 e 2018-2020. A Prof.^a Dr.^a Ivone de Lourdes Oliveira, que além de presidenta na gestão 2010-2012, também foi uma das co-fundadoras da associação. A Prof.^a Dr.^a Cláudia Peixoto de Moura, presidenta da gestão 2012-2014. A Prof.^a Dr.^a Maria José da Costa Oliveira, presidenta da gestão 2016-2018. A Prof.^a Dr.^a Fábila Pereira Lima, presidenta da gestão 2020-2022.

"A Ciência - de uma forma ou de outra, em maior ou menor extensão, em diferentes graus de visibilidade - está presente nos mais diversos cotidianos das pessoas. Considerando que praticamente metade da população mundial é constituída por mulheres, o olhar feminino no campo científico não é apenas necessário: é fundamental.

Que as mulheres ocupem cada vez mais lugares, cada vez mais espaços, sempre na medida daquilo que conseguirem descobrir de seus desejos. Que o reconhecimento disso tudo seja espontâneo, natural. E que busquemos, sempre, contribuir para construção de uma sociedade mais justa, mais bem informada, mais livre. Todo ato de pesquisa tem de ser valorizado e respeitado." Mônica Fort (Diretora Científica).

Além disso, às mulheres que fazem a atual gestão Abrapcorp: Mônica Cristine Fort (UTP), Luiziane Silva Saraiva (UFMA), Maria Eugênia Porém (UNESP), Mariana Carareto (UFG), Ágata Franco de Camargo Pavarenti (Cásper Líbero), Inara Regina Batista da Costa (UFAM), Mariana Gracia (Cásper Líbero).

A Abrapcorp celebra todas as mulheres que fizeram parte da gestão desde sua fundação, como presidentas ou sendo parte da diretoria. Durante toda a história da associação estas mulheres fizeram a Abrapcorp acontecer, contribuindo diariamente para o seu crescimento e alcance dos objetivos de divulgação e incentivo à ciência na comunicação organizacional e relações públicas.

LANÇAMENTO DAS EDIÇÕES 40 E 41 DA ORGANICOM

Em celebração ao mês de março a revista Organicom lança duas edições (40 e 41) do dossiê "Mulheres e Feminismos":

- nº 40 (set/dez 2022): Mulheres e Feminismos: teorias, reflexões e processos comunicativos;



- n° 41 (jan/abr 2023): Mulheres e Feminismos: mundo do trabalho, organizações e sociedade;



As organizadoras dos dossiês contam que a questão chave que guia as pesquisas é "qual é a função da Comunicação na promoção da equidade de gênero, na luta contra as violências e desigualdades, na construção de novos modelos, cultura e narrativas sobre as mulheres? e o papel dos comunicadores?".

"Fruto de um trabalho de quase um ano, conseguimos reunir um grupo de especialistas sobre a temática Mulheres e Feminismos e a intersecção com a Comunicação. Os assuntos tratados são de máxima importância para todas/todos que têm se dedicado a estudar e pesquisar sobre as questões que envolvem as mulheres, feminismos, violências, clima, mundo do trabalho, etarismo e outras temáticas afins."

Maria Aparecida Ferrari e Sheila Prado Saraiva, editoras dos dossiês.

[ACESSE CLICANDO AQUI](#)



XVII CONGRESSO ABRAPCORP



Está chegando a hora do XVII Congresso Abrapcorp, que acontece entre 8 e 12 de maio de 2023 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com atividades que acontecem na Faculdade de Comunicação Social (FCS-UERJ) e na Capela Ecumênica. Neste ano, o tema é “Comunicação, Ativismos e Organizações” e visa estimular um relevante e transformador debate sobre o papel da comunicação na luta por realidades mais igualitárias.

O pré-congresso (08 e 09/05) conta com:

- Colóquio Acadêmico: "Diversidade nos espaços organizacionais e acadêmicos", com Dani Balbi (UFRJ/Deputada Estadual ALERJ); Maria Isabel Iorio (Poeta) e Maria Aparecida Salgueiro (Letras/UERJ);
- Mesa “A desinformação nos espaços digitais”, com Renata Tomaz (UFF) e Yeal Berman (AFP);
- Mesa “Comunicação e Extensão: Novos Ativismos”, com Ivana Bentes (UFRJ); Claudia Gonçalves (UERJ) e Margarida Kunsch (USP).



Na programação do Congresso temos:



Fabio La Rocca.

Fonte: Escavador.

- Apresentação dos Grupos de Pesquisa e do Espaço Graduação, dos Prêmios Abrapcorp de Teses, Dissertações e Monografias e do Café Literário;
- Conferência Magna com Fabio La Rocca, para discutir “Ativismo nas Cidades”;
- Mesa “Comunicação organizacional e ativismos nas cidades”, com Inara Regina Batista da Costa (UFAM); Teresa Liporace (Instituto Clima e Sociedade) e Patrícia Salvatori (Mundo im.Perfeito/Rede Mães Atípicas);
- Mesa "Comunicação, ativismos e artes", com André Lemos (UFBA); Fernando Gonçalves (UERJ) e Cíntia Sanmartin Fernandes (UERJ);
- Mesa “Comunicação, Consumos e Ativismos”, com Ágatha Camargo Paraventi (Casper Líbero); Rose de Melo Rocha (ESPM) e Renata Tomaz (UFF).

PAPO CIÊNCIA COM ÂNGELA MARQUES



O que é o Papo Ciência?

O "Papo Ciência" é a seção da nossa Newsletter destinada à expor bate-papos, entrevistas e depoimentos de pesquisadores sobre os seus projetos e suas percepções acerca da ciência e do desenvolvimento técnico-científico das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional.

A convidada da vez é a Prof.^a Dr.^a Ângela Cristina Salgueiro Marques



Prof.^a Dr.^a Ângela Marques

Ângela é pesquisadora e professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ângela é graduada, doutora e mestra em Comunicação Social pela mesma instituição. Possui Pós-doutorado pela Université Stendhal, Grenoble 3 e pela Université Pierre-Mendès-France - Grenoble II. Ângela foi vice-presidente da Abrapcorp entre 2014 e 2016, e atualmente coordena o GT "Comunicação, ética e alteridade

em processos relacionais de subjetivação e conflito no ambiente organizacional" da associação, o GT "Estudos de Comunicação Organizacional" da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e o GT Comunicação Pública e Institucional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica). Seus atuais interesses de pesquisa são: interseção entre a Comunicação, a Política e a Estética; entre a Comunicação e a Cultura, e entre a Comunicação e processos políticos; políticas públicas e cidadania; comunicação pública e comunicação organizacional; reconhecimento social de grupos minoritários; abordagem comunicacional-pragmática das relações entre estética e política; a composição de redes discursivas destinadas a publicizar questões de interesse coletivo; o aprimoramento de metodologias qualitativas de pesquisa que objetivam evidenciar a articulação entre diferentes atores, discursos estético-expressivos e arenas argumentativas.

Abrapcorp:

Gostaríamos de saber um pouco da sua experiência como mulher na ciência. Nos conte sobre seus principais temas de interesse, projetos e grupos de pesquisa e extensão, cargos, etc..

**Ângela:**

A minha experiência como mulher na ciência, como pesquisadora, como professora está muito marcada por uma trajetória dedicada a determinadas temáticas, mas também com um grande desejo de contribuir e colaborar com o percurso coletivo seja do departamento, seja da pós-graduação. Ainda quando eu cursava o doutorado na UFMG, eu atuei como sub colaboradora de um curso de lato sensu, era uma pós graduação que nós tínhamos, mas que foi extinta posteriormente.

Então além de atuar como docente, eu atuava também na sub coordenação. Após terminar o doutorado, eu ingressei na Faculdade Cásper Líbero em São Paulo, estive por 3 anos no Programa de Pós-Graduação da faculdade. Foi uma experiência muito bacana. Eu considero a Cásper Líbero a minha primeira casa acadêmica como docente. Na Cásper eu pude conhecer professores que são meus colegas até hoje, colegas parceiros, interlocutores. Eu acho que ter estado na Cásper Líbero foi ter tido contato com professores e pesquisadores da comunicação organizacional.

Foi lá que eu conheci o Prof. Luiz Alberto Farias, foi lá que trabalhei com a Prof. Heloisa Mattos, foi lá que começaram as minhas atividades com professores que atuam na ECA-USP como, por exemplo, a Prof. Margarida Kunsch.

Além da aproximação com professores que depois foram os membros fundadores da Abrapcorp. Então, eu acho que a passagem por São Paulo foi extremamente importante, porque na Cásper Líbero, ao atuar nos cursos de Relações Públicas eu pude estar próxima aos colegas e sobretudo na área de comunicação organizacional, que apesar de já ter alguns projetos anteriores, foi lá que eu comecei de fato a me engajar, me envolver com a pesquisa, com a produção, com a construção de eventos nessa área. Depois dessa experiência, que foi de 2009 até 2011, eu fiz o concurso na UFMG, que é a universidade na qual eu me formei na graduação, na pós-graduação e onde comecei a atuar na graduação e pós-graduação simultaneamente.

Os meus projetos nessa época estavam direcionados à potência política das imagens, à questões ligadas a ética, a moral e a justiça, sobretudo envolvendo pessoas em situações de vulnerabilidade, mulheres que estavam configurando suas experiências e suas formas de vida a partir de programas de redistribuição, mas também de engajamento em cursos de formação.

O propósito era pensar um pouco qual a dimensão dessas agências, da autonomia dessas mulheres, mas, ao mesmo tempo também, pensando em uma dimensão de justiça e moral.

Essa questão da ética e das vulnerabilidades é algo central nas minhas pesquisas hoje, na linha de pesquisa no Programa de Pós-graduação em que eu atuo (Comunicação, vulnerabilidades e territorialidades) e marca bastante a minha atuação na área de comunicação organizacional: as vulnerabilidades nas organizações, as relações de trabalho, a relação ética no ambiente de trabalho e uma série de temas que estão relacionados aos meus interesses de pesquisa e minha trajetória.

Ao ingressar na UFMG como professora, em 2011, são múltiplas as frentes de atuação: primeiro eu fui sub coordenadora da pós-graduação,

em um segundo momento, em 2018, eu fui para a coordenação da pós, mas eu sempre fiz parte de representação de linha ou de grupo de professores na câmara departamental, no colegiado de pós-graduação e acho que todas essas atividades são atravessadas, em 2012, quando nasceu meu primeiro filho.

Eu acho que uma das grandes dificuldades de ser mulher na ciência é justamente essa dimensão da maternidade, porque o nosso período produtivo no trabalho coincide com o período de tomar a decisão de ser mãe ou não. Isso acontece em uma idade crucial, entre os 30 e 40 anos você tem uma demanda de produção científica muito grande e, ao mesmo tempo, tem uma demanda física e emocional que é a demanda que vem com a constituição de uma família. Então, entre os anos de 2012 até 2017/2018, foi um período de grande adaptação, mas também de muitos dilemas e dificuldades mesmo: até acertar uma forma de articular vida profissional com a maternidade. Até hoje é muito difícil, não vou dizer que é algo fácil. Então, o percurso é longo, é um percurso de construção cotidiana, mas, ao mesmo tempo, cercado de alianças com colegas, com amigos, com os profissionais que trabalham conosco. Não é fácil, não vou dizer que não existem soluções para cada um desses dilemas. Existem, mas às vezes as soluções são construídas na particularidade da experiência de cada mulher, de cada trajetória.

Papo Ciência

Tem uma dimensão de investimento que passa por uma construção de autonomia que é singular, mas não deixa de ser também relacional, porque nós só nos afirmamos, seja na família ou no percurso acadêmico nas redes de apoio.

Abrapcorp:

Nos últimos anos, você realizou estudos que envolvem a representação das mulheres em diversas dimensões sociais e midiáticas. Quais as principais descobertas sobre essas representações e de que forma a ciência, ao realizar essas investigações, contribui para pensarmos sobre o lugar ocupado pela mulher na sociedade?

**Ângela:**

Tem uma grande parte da minha produção acadêmica recente que deriva dos estudos iniciados na tese de doutorado. Eu terminei meu doutorado em 2007, foi um doutorado sobre mulheres que recebem benefícios de políticas públicas, como o Bolsa Família, então foi muito baseado nas entrevistas e conversas com essas mulheres, especificamente na região sudeste. Posteriormente, eu tive uma aluna de doutorado, Tamires Coêlho, que trabalhou com mulheres do nordeste.

Há, então, uma complementaridade de pesquisas que eu desenvolvi e que foram desenvolvidas junto aos meus doutorandos. Só que no Doutorado não houve preocupação com as imagens, houve uma coleta de material de mídia impressa e mídia audiovisual do telejornalismo, que durou entre 2003-2007. Foi uma quantidade de material gigante e que sempre me impressionou a maneira como as mulheres apareciam nessas matérias.

Uma das primeiras percepções é que a construção dos enquadramentos era de essencialização da vulnerabilidade, ou seja, essas mulheres são vulneráveis em si mesmas, não foram colocadas ou não estavam em uma situação de vulnerabilidade reversível, reconfigurável. São mulheres que aparecem eminentemente sozinhas nas imagens, dentro de espaços domésticos, geralmente na cozinha, quase nunca aparecem rodeadas por uma rede de apoio, de amizade, de troca afetiva.

Os enquadramentos eram sempre individualizantes, essencializando a vulnerabilidade, destituindo a mulher de agência e retirando elas dos seus contextos e de suas redes. Outra forma de representação era a mulher que supera os desafios. Então, a super mulher, a mulher que mesmo em uma situação de pobreza muito grande consegue superar sozinha todos os obstáculos, consegue vencer na vida, que é típico de um discurso neoliberal

e autoconstrução, autoafirmação em uma autonomia individualista em que o sujeito tem que dar conta de suas dificuldades.

Foram muitos anos, desde que eu terminei o doutorado eu olho para esse material e queria fazer algo com ele, mas o tempo de estudo da perspectiva das imagens ou de como as imagens atravessam a constituição da subjetividade política demorou um pouco. Então, de 2007 até agora essa exploração da representação de mulheres na mídia, ela tem rendido muita reflexão. Agora tem um trabalho, no qual eu falo de representação de mulheres migrantes, mulheres latino americanas migrantes na mídia, muito nessa chave da vulnerabilidade, da autonomia e da agência, discutindo também com teóricos e teóricas, sejam eles europeus ou latino americanos.

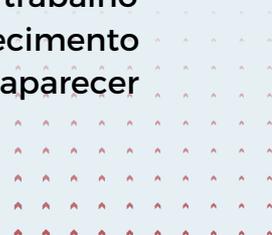
Eu acredito que essas pesquisas são extremamente importantes para a gente pensar como é que o lugar da mulher na sociedade, na ciência, na família está atravessado pela maneira como nós lemos esses lugares.

A leitura ou percepção desses lugares, o que nós chamamos de legibilidade ou regimes de visualidade da mulher, estão muito ancoradas em práticas discursivas que reduzem a agência feminina, que reduzem a potência das formas de vida agenciadas por mulheres.

Então, a maneira como nós percebemos as mulheres, falamos desse lugar, lemos as trajetórias de vida e as experiências femininas estão muito marcadas por uma construção fortemente perpassada pela opressão, pelas desigualdades de gênero, mas já há muitas mudanças nessas formas de representação. Então, por exemplo, quando Patricia Hill Collins fala das imagens de controle, na perspectiva interseccional, como mulheres negras são vistas, são avaliadas moralmente, julgadas por seus percursos de vida ou por suas existências, a gente já tem uma contraprodução discursiva, ainda que tímida, uma produção de narrativas que já evidenciam outras formas de estar no mundo, outras formas de pensar os espaços e as teias cuidado ou de racionalidade entre mulheres e das mulheres na sociedade.

Não significa que a gente deva substituir um estereótipo por outro ou uma representação por outra, mas sempre pensar em uma dinâmica de justaposição de conflito, de atrito, porque as imagens estereotipadas não vão sumir, elas servem muita bem ao regime capitalista que nós vivemos, mas é preciso haver uma outra forma de representação ou uma multiplicidade de formas de representação ou de figuração ou aparecimento dos sujeitos políticos.

Na pesquisa mais recente, eu trabalho com esse conceito de aparecimento político das mulheres, porque aparecer não é só se tornar visível,



mas é se tornar sujeito de interlocução, sujeito autônomo, sujeito capaz de alterar suas condições de vulnerabilidade a partir da reconfiguração das próprias redes em que as mulheres estão inseridas. Não significa que isso acontece em um passe de mágica, mas significa pensar qual é a potência epistêmica de se pensar as imagens e a representação feminina nas imagens como algo que vai reconfigurar a maneira de olhar, de pensar. Eu acho que o mais importante é isso, não é algo fácil ou rápido reconfigurar a maneira como a gente pensa, avalia ou julga moralmente uma trajetória de vida. As pesquisas têm indicado que mais do que substituir uma representação por outra, é importante ampliar o leque de representações e tornar possível uma reconfiguração, redefinição das maneiras de avaliar, entender, apreciar, produzir narrativas sobre o que é ser e se tornar mulher no mundo contemporâneo.

Abrapcorp:

Especificamente no universo das relações públicas e da comunicação organizacional, o contexto organizacional manifesta cenas de dissenso e relações de poder. Como isso se reflete no lugar ocupado pelas mulheres nas organizações? É possível pensarmos em ações que transformem essas relações?



Ângela:

O contexto das organizações é muito marcado por tensionamentos e conflitos. Eu e o Prof. Renan Mafra, Prof. Luiz Mauro Sá Martino temos trabalhado com a ideia de cenas de dissenso do filósofo francês Jacques Rancière e, recentemente, tanto no trabalho que fizemos juntos, quanto no em parcerias estabelecidas com a Prof. Sônia Pessoa, Prof. Camila Mantovani, a gente tem analisado determinados tipos de discurso e formas que a literatura tem identificado como uma redefinição da presença das mulheres nos contextos organizacionais.

Então, por exemplo, um dos últimos trabalhos que nós apresentamos no Congresso da Compós,

no GT de estudos de comunicação organizacional, fala da cultura da confiança. Esse conceito, de duas professoras britânicas, trata da seguinte questão: como é que tem havido uma proliferação de discursos que incitam as mulheres a confiarem em si mesmas, mas como são feitos esses discursos? Por exemplo, em manuais de sobrevivências em ambientes opressivos, ambientes tóxicos, que ensinam as mulheres a retomarem as rédeas de seus destinos, de seus projetos, não deixarem que homens se interponham em seus caminhos, não deixar que haja rivalidade entre mulheres.

Contudo, o que a gente percebe é que grande parte desses discursos transferem para a própria mulher a capacidade de alterar as condições de injustiça na qual ela se encontra. E aí, o que acontece? As mulheres estabelecem determinados tipos de posturas, comportamentos e a organização, em si, não se altera. Ou seja, as dimensões institucionais da opressão permanecem as mesmas, mas a mulher consegue no seu cotidiano produzir algumas mudanças.

Esse tipo de prática reflete a maneira como o neoliberalismo atravessa a produção da autonomia feminina. Então, a mulher pode até ter algum ganho em amenizar situações de sofrimento e de violência, mas a violência institucional permanece. Se nas relações mais imediatas é possível verificar alguma mudança, na dimensão mais profunda da racionalidade do trabalho isso não se altera.

Assim, a confiança fica reduzida em um série de dicas ou comportamentos mais práticos a serem modificados, muito no sentido de um manual de sobrevivência. Contudo, o sentido mais amplo de confiança, de autonomia, de agência não se altera, permanece da mesma maneira. Esse sentido mais amplo do que seria a confiança demandaria algo muito mais demorado, de longo prazo, que é a representação das formas de se pensar o trabalho coletivo.

A gente lida hoje com uma individualização muito grande dos procedimentos, um afastamento das pessoas em atividades que demandam um investimento muito grande em debates, em diálogos, em uma reconfiguração do próprio imaginário de se pensar e de se fazer as coisas. Há um automatismo nesses espaços em que há injustiça de gênero de uma maneira geral e pouca disponibilidade para alterações mais profundas.

Se é possível a gente pensar em ações que transformem essas relações? Sem dúvida! Eu acho que nas relações que aprofundam assimetrias e violência de gênero existem sim práticas que a gente pode investir para que isso seja transformado.

Mas não é um investimento a curto prazo, o que a gente percebe nos nossos estudos é que as organizações querem apostar em dinâmicas, em treinamentos, em formas que dão respostas rápidas, mas para alterar de fato a maneira como a violência de gênero atua nas organizações, no ambiente de trabalho é preciso pensar a longo prazo, porque é preciso reconfigurar a maneira que o imaginário atua.

O que eu quero dizer com imaginário? Quero dizer sobre a maneira como projetamos nossas ações, pensamos os projetos, pensamos o tipo de ambiente que nós construímos.



Isso é algo que depende muito de uma dimensão que envolve muito debate, que envolve uma produção de reciprocidade, não é uma reciprocidade que todo mundo vai ser bonzinho, ter empatia com o outro no sentido mais raso. A implicação ética daqueles que trabalham conosco demanda uma forma de produzir resposta ao tipo de urgência ou ao tipo de injustiça que está sendo colocada em pauta, que é uma forma de produzir resposta que não está em voga hoje.

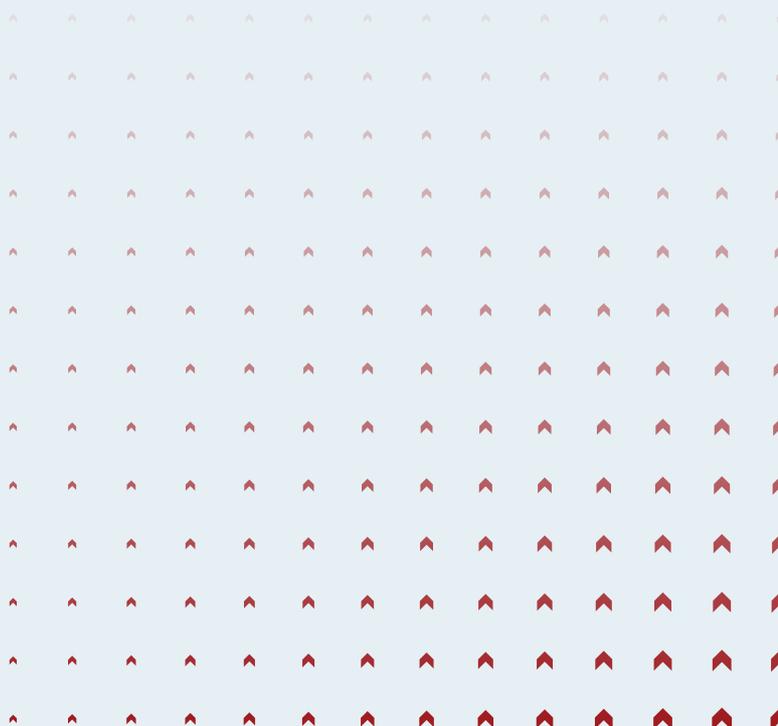
Então, responde-se a alguém que está sofrendo violência com alguma coisa extremamente imediata, que vai apagar ou mascarar ou afastar a pessoa do trabalho, quando, na verdade, a gente precisaria pensar outras maneiras de escutar, de entender e de responder às demandas e às diferenças de acordo como essas diferenças são manifestas no ambiente de trabalho.

Isso é um projeto de longo prazo, que envolve uma costura entre demandas morais e respostas éticas e que envolve também a percepção de que as vulnerabilidades não são inerentes - a grande maioria delas. Têm vulnerabilidades que sim passam por uma questão de exposição física e de desigual exposição às opressões, mas que muitas vezes as vulnerabilidades fazem parte de um desenho social e que existem modelos de sociabilidade e de interação que precisariam ser revistos.

Sobretudo no ambiente organizacional, em que os modelos de interação seguem mais modelos transmissivos, protocolares, que dificilmente cuidam de questões ligadas à diferença ou integridade dos sujeitos e passam mais a uma dimensão imediatista das práticas.

Eu acredito que seja isso: a transformação das relações passa pela transformação dos imaginários, da forma como nós nos relacionamos uns com os outros, é uma reconfiguração da maneira de pensar, agir, se comportar que não é só uma prática individual, mas uma prática coletiva no sentido de repensar o que significa a comunidade, a comunidade do trabalho ou a prática coletiva.

Esse tipo de reflexão, que é uma reflexão que demora, a gente custa a encontrar, mas é possível.



Abrapcorp:

Para encerrar nossa conversa, como você vê a presença das mulheres na ciência hoje em relação aos desafios presentes e futuros?

**Ângela:**

Eu acho que existem diferentes experiências de ser mulher, de tornar-se mulher, como eu falei anteriormente.

Muitas vezes, nós colocamos as mulheres todas em uma categoria muito ampla, mas a gente tem que pensar que cada mulher vai sofrer, vai ser colocada em situações de vulnerabilidade que acentuam ou não suas condições à violência e ao dano.

Então, eu acho que é muito difícil falar sobre a questão da presença das mulheres na ciência de uma maneira coletiva por ser muito diferente uma mulher que faz ciências nas ciências exatas, nas biológicas e nas humanas, mas eu acredito que existem alguns pontos que podem entrelaçar essas experiências.

O primeiro é o movimento de luta constante contra determinadas hierarquizações, contra os estereótipos ligados ao machismo, ao patriarcado. Na sociedade brasileira o olhar de julgamento, a maneira como o lugar da mulher é lido ou como a mulher é entendida ainda tem e vai ter durante

muito tempo uma associação com práticas depreciativas, silenciamentos e uma enormidade de opressões ligadas a preponderância de um ideal, do cientista homem branco, intelectual, etc.

Então, é uma dimensão de luta muito grande contra essas imposições sobre qual deve ser o lugar da mulher, onde ela deve estar, o que ela pode ou não pode fazer, como ela é julgada e como ela é vista academicamente e profissionalmente.

Uma outra dimensão que pode atravessar a experiência de uma enorme quantidade de mulheres é a maneira como elas encontram para produzir determinados espaços seguros, utilizando o termo da Patricia Hill Collins, espaços seguros de produção e construção coletiva.

Pensando no que a Beatriz Nascimento fala da paz quilombola, a gente tem utilizado muito essa reflexão sobre o aquilombamento, mas em um sentido mais amplo de produção de espaços seguros, pode ser um grupo de pesquisa, pode ser um grupo de leitura, pode ser a realização de um projeto em conjunto.

Ser mulher na ciência tem muito a ver com a habilidade e capacidade de criar esses lugares em que a interlocução é favorecida, em que a expressão da própria experiência é favorecida.

Seria uma construção conjunto que pode implicar laços de amizade, de solidariedade, de sororidade, mas, ao mesmo tempo, pode ampliar essa rede, esses espaços seguros para outras pessoas.

Não significa construir territórios isolados, muito pelo contrário. O espaço seguro é poroso, é aberto, permite que mulheres troquem suas experiências, produzam coletivamente, mas também dialoguem com o entorno, senão não faz sentido.

Não faz sentido produzir espaços de isolamento. A reflexão de Beatriz Nascimento sobre os quilombos era exatamente isso. O quilombo era um lugar de produção, de refazimento, mas, ao mesmo tempo, tudo que era produzido no quilombo também era trocado com as comunidades do entorno. Então, a forte participação de comunidades, de sociedades que viviam no entorno do quilombo alimentavam a sua economia.

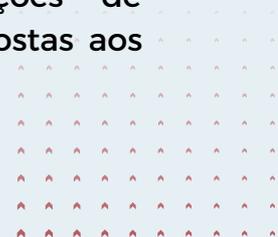
Eu acredito que uma das experiências comuns de mulheres que produzem ciências é construir essas redes, esses espaços seguros em que a mulher possa expressar, possa ter confiança na própria experiência e possa produzir

coletivamente algo que seja transformador para suas trajetórias e para as trajetórias dos interlocutores, dos parceiros que engajam com elas nessas redes.

Uma terceira característica, que talvez possa ser comum a essas experiências, é o que nós conversamos anteriormente sobre o partilhamento de demandas. A mulher é demandada em muitas instâncias. No momento em que ela está no auge de sua produção acadêmica e científica, ela também está tendo bebês, ela também tem o desejo de construir a maternidade ou não.

Não estou dizendo que a dimensão do cuidado passa apenas pela maternidade, mas a mulher vai ser demandada para cuidar de seus familiares, dos familiares mais idosos, ela vai ser demandada para se dedicar a determinados tipos de atividades como tarefas domésticas, que, geralmente, são extremamente desiguais entre os membros de uma família.

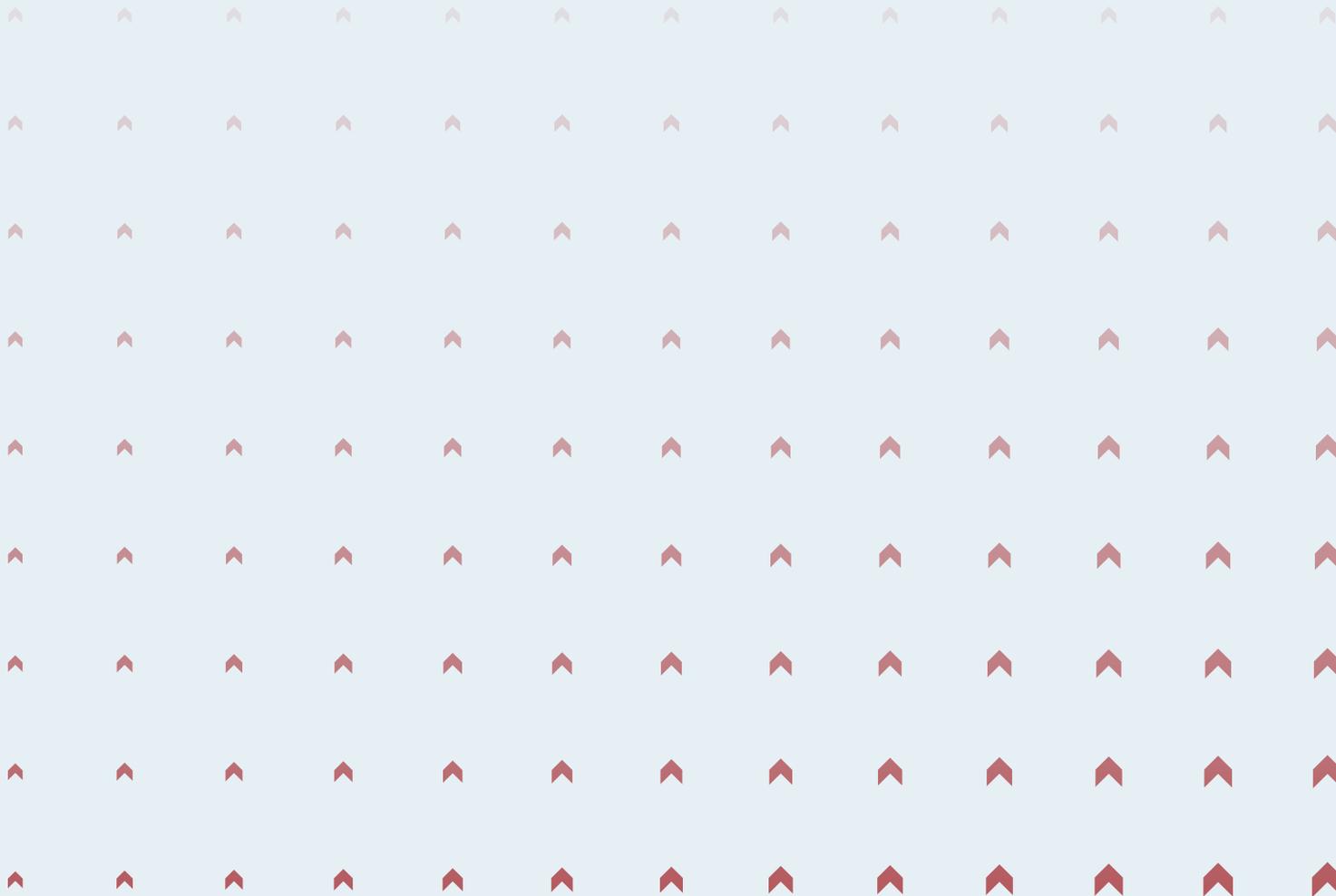
Eu acredito que essa dimensão do equilíbrio entre as múltiplas tarefas ou as várias jornadas de trabalho pode ser algo que seja compartilhado pelas mulheres na ciência ainda que suas trajetórias sejam extremamente singulares. Nem todas as mulheres estão nas mesmas condições de vulnerabilidade ou estão expostas aos danos da mesma maneira.



É preciso a gente pensar muito sobre essa questão das singularidades das trajetórias, mas também, de uma certa maneira, onde essas trajetórias são confluentes na luta contra a violência, a opressão e uma luta também pela valorização da experiência do tornar-se mulher, ser mulher, na experiência do cuidado de uma maneira mais ampliada.

Não só do cuidado como responsabilizar-se pela existência de um outro ser humano, ou pela existência de um outro ser, mas o cuidado como uma tarefa coletiva, o cuidado como uma tarefa de toda a sociedade.

Não só do cuidar de si, mas do cuidar dos outros também, essa é uma perspectiva trazida pelo Michel Foucault. O cuidado de si, é também um cuidado com os outros e é um cuidado com a sociedade de um modo geral, com aquilo que a sociedade valoriza, a maneira como a sociedade encontra de permanecer unida, de permanecer alimentando os vínculos de interdependência e, ao mesmo tempo, alimentando formas de reconfigurar o imaginário político do futuro, do presente, sem esquecer também as lutas do passado.



NOVIDADES EDITORIAIS

PESQUISAR EM CONTEXTOS DE EXCEÇÃO: DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

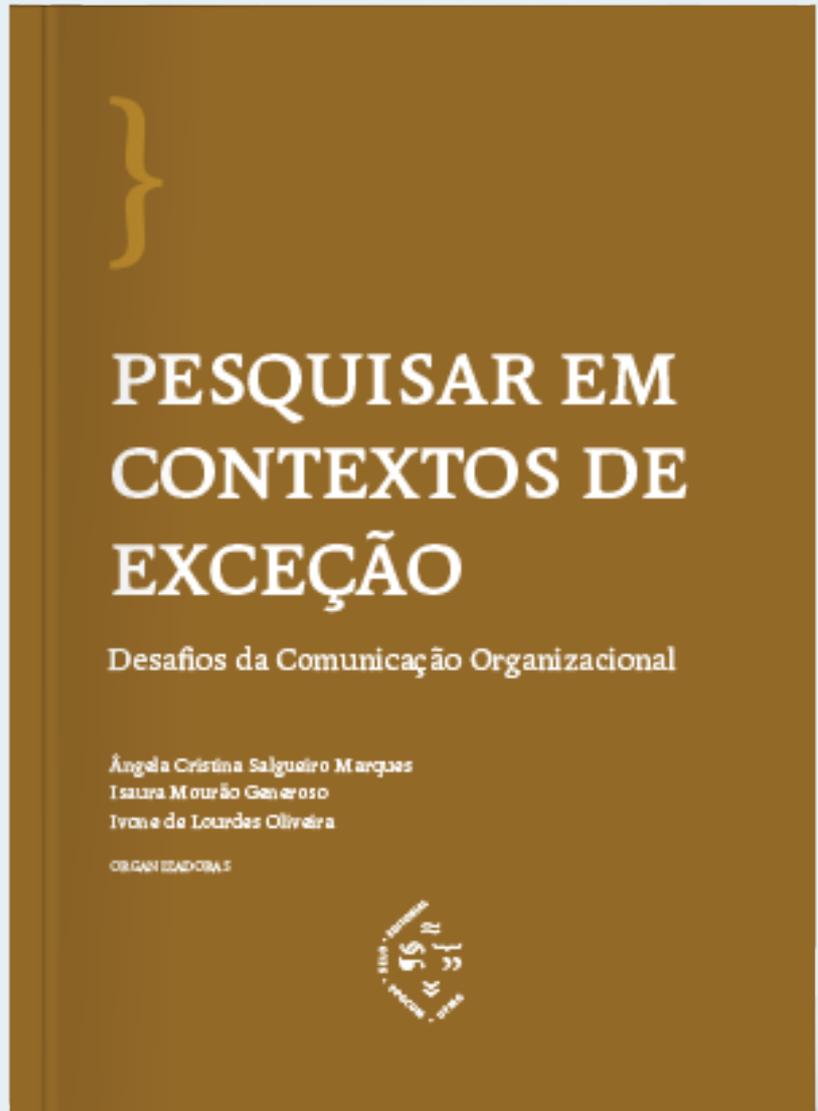
O livro é organizado por Ângela Marques, Isaura Generoso e Ivone de Lourdes Oliveira, e reúne reflexões de pesquisadores brasileiros e estrangeiros a partir dos diálogos da edição de 2021 do Seminário Internacional de Comunicação Organizacional (SICO)

Os capítulos apontam para os desafios teórico-metodológicos da pesquisa em contextos de exceção.

As organizadoras comentam que nesses contextos há uma constante articulação e rearticulação de forças, posições de sujeito e modos de existência, o que tange questionamentos de hierarquias, formas de visibilidade e reconhecimento de demandas.

Para adquirir o livro basta acessar o site do Selo PPGCOM UFMG:

ACESSE CLICANDO AQUI



CHAMADAS ABERTAS



Revista Contracampo

Submissões abertas para o Dossiê “Produtos, criação e consumo midiático para crianças e jovens na cultura digital”

Prazo: 26 de abril de 2023

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Cambiassú: Estudos em Comunicação

Submissões abertas para a revista Cambiassú: Estudos em Comunicação

Prazo: 27 de abril de 2023

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Paulus - Revista de comunicação da Fapcom

Submissões abertas para o Dossiê “Comunicação e interseccionalidade”

Prazo: 27 de abril de 2023

Mais Informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Revista EPTIC

Submissões abertas para o Dossiê “Comunicação e marxismo: contribuições históricas, desafios do presente”

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Chamadas abertas

Revista Comunicar

Submissões abertas para o Dossiê “¿Cómo podemos convertir los procesos de mediatización en incentivos para la participación social?”

Prazo: 30 de maio de 2023

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Revista Latinoamericana de Comunicación

Submissões abertas para o Dossiê “O papel das instituições científicas na consolidação do campo comunicacional”

Prazo: 05 de junho de 2023

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

Organicom

Submissões abertas para o Dossiê “Comunicação, Cultura e Liderança nas Organizações”

Prazo: 30 de junho de 2023

Mais informações: [CLIQUE AQUI](#) 

DIVULGUE CHAMADAS DE TRABALHO QUE VOCÊ CONHECE!

Chamadas de submissão para eventos, periódicos, dossiês, capítulos em livro (ou e-book).

É só mandar as informações nesse formulário: 



EDITORIA

Diretoria de Relações Públicas:

Guilherme Ferreira de Oliveira
Luiz Guilherme Valério Bueno
Aislan Leonardo Estanislau
Mariana Carareto
Maria Eugênia Porém

Secretaria da Abrapcorp:

Mariana Gracia

DIRETORIA 2022-2024

Presidência:

Ricardo Ferreira Freitas

Vice-presidência:

Daniel Reis Silva

Diretoria Científica:

Mônica Fort

Diretoria Editorial:

Luiziane Silva Saraiva

Diretoria Executiva:

Sérgio José Andreucci Jr.

Diretoria de Relações Públicas:

Maria Eugênia Porém

Conselho Fiscal:

Ágatha Franco de Camargo Pavarenti
Inara Regina Batista da Costa
Adriano de Oliveira Sampaio

CONTATO:

secretaria@abrapcorp.com.br
abrapcorp.org.br

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!



[@ABRAPCORPOFICIAL](https://www.instagram.com/abrapcorpoficial)



[@ABRAPCORP-OFICIAL](https://www.linkedin.com/company/abrapcorp-oficial)